

Crítica das exposições

Aloísio Magalhães (Galeria da Praça, Rua Maria Quitéria, 41). Com litografias que recordam — sobretudo — as maravilhosas gravuras do holandês Maurits Cornelis Escher (e não se diga tratar-se de mera coincidência), aquarelas por demais subordinadas à visão de Paul Klee e cartões de conotação mais pessoal, Aloísio Magalhães, conhecido **designer** brasileiro, tenta sem maior êxito voltar às artes visuais, revelando-se pobre de técnica e carente de uma personalidade própria, de vez que sua mostra, disposta pelos três andares da moderna Galeria da Praça, mais parece obra de três

artistas diferentes. O resto é propaganda.

Sachiko (Galeria Vernissage, Rua Hilário de Gouveia 57-A). Os atributos maiores da pintura de Sachiko residem na valorização cromática e textual que essa jovem artista nipônica (no Brasil desde 1965) sabe imprimir a seus quadros trabalhados em superfícies densas de interesse ótico e tátil. Sua invenção é também notável, lançando mão a artista de dotes inegáveis de imaginação, que um senso inato de organização reduz a esquemas básicos de

captação visual. Seus quadros não são meramente decorativos: exprimem idéias, externam emoções, traduzem estados de alma, fugindo à gratuidade e ao pitoresco em que resvalam, vez por outra, tantos adeptos do chamado abstracionismo lírico, e mesmo do expressionismo.

A Moderna Gravura Brasileira (Biblioteca Nacional, Avenida Rio Branco). Essa mostra, organizada pela Biblioteca Nacional com peças de seu acervo, compõe-se de 115 gravuras

de várias técnicas, obra de 43 artistas. A despeito da montagem, algo caótica, e da omissão de certos nomes e da inclusão de outros, inexpressivos (um Manezinho Araújo, por exemplo, nada tem a ver com a gravura brasileira), trata-se de excelente iniciativa de difusão cultural, mostrando a riqueza da Seção de Iconografia daquele estabelecimento que, em 1950, começou a adquirir estampas a artistas nacionais. Realce-se, ainda, o catálogo da exposição, simples mas didático.

Bustamantes Sá (Galeria Samarte, Avenida Copacabana, 500). Paisagens, em sua maioria, de um pintor contemporâneo e de Pancetti e Dacosta no Núcleo Bernardelli, e que ora retorna às exposições. Bustamante Sá obedece à perspectiva aérea e à cromática, não possui, sua pintura, maiores preocupações para com o detalhe anômico e nela o contraste entre luzes e sombras é utilizado para a obtenção da sugestão de volume. Algumas obras, mais elaboradas, são de intensa atmosfera poética, destacando-se pelo lirismo e pelo frescor da execução.

As exposições

— O endereço obrigatório de hoje é o do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde, às 18h30m, estará sendo inaugurada a Retrospectiva Ivan Sérpa, organizada pelo crítico Roberto Pontual (com a assistência da viúva do artista, Sra. Lígia Serpa), e constando de quase 250 obras de pintura, gravura e desenho, além de objetos. Serpa, nascido em 1923 e falecido em 1973, destacou-se desde a juventude pela seriedade de suas pesquisas, tendo-lhe cabido ainda orientar, como professor insuperável, uma verdadeira legião de crianças e de artistas. Sua obra não é grande, e a presente exposição equivalerá a autêntico balanço estético e crítico do que produziu, e que se acha recolhido a museus e coleções privadas principalmente do Rio de Janeiro, onde nasceu e morreu.

— Também hoje, às 21 horas, a Oca (Rua dos Jangadeiros, 14-C) mostra pela primeira vez aos cariocas a pintura de Santo, um artista que, bem conhecido em São Paulo e no exterior — já expôs em Milão, no México, etc. — trabalha com efeitos fluorescentes de luz negra.

— Às 19 horas, na Galeria de Arte Ipanema (Rua Aníbal de Mendonça, 27), Márcia Barroso do Amaral inaugurará nova individual reunindo óleos sobre eucatex e objetos em acrílico, dando seguimento a uma pesquisa iniciada há anos, e que pouco a pouco amadureceu até se transformar na linguagem atual, perfeitamente articulada.

— A Galeria Ponto de Arte (Rua Aires Saldanha, 92 — sobreloja) abriu ontem ao público mostra de desenhos de Farnese, que assim se despede do público carioca, de vez que parte de volta para Barcelona, onde reside em gozo do prêmio de viagem ao exterior conquistado em 1970. É, também, uma despedida (ao que parece irrevogável) de uma temática que, doravante, o artista não deseja mais retomar: "... cabeças coroadas, estas mulheres ambíguas, estes olhares que traem uma intimidade oculta", no dizer de Walda Menezes, que apresenta a mostra.

— Na Galeria Atelier (Rua General Dionísio, 63), aberta há dias coletiva de que participam Ana Leticia, Astréia El-Jaick, Gérson de Souza, Holmes Neves, Quirino e Hilda Campofiorito, Sônia Von Brúsky, Tiziana Bonnazola e outros.

Leilão

Cerca de 550 peças de arte, inclusive um inacreditável acervo de **art nouveau**, estão sendo apregoadas por Ernâni, desde o dia 22 e até fim da semana, em seu novo Palácio dos Leilões, à Rua Voluntários da Pátria, esquina com Dona Mariana. A venda, intitulada **Sagittarius III**, abarca também pinturas brasileiras e estrangeiras (como esse **O Tiro**, de Geoffrey), mobiliário, porcelana etc. etc., e tem início todas as noites às 21 horas. Para quem não sabe, o Palácio dos Leilões possui circuito fechado de televisão.

Plágio

Em 15 de julho do ano passado, o artista plástico Antônio Manuel levava a efeito uma exposição **sui generis**: não no espaço frio de uma galeria ou de um museu, porém "de 0 às 24 horas nas bancas de jornais", pois que sua mostra apresentava-se sob a forma de seis propostas, impressas como parte integrante de um matutino carioca. Quase um ano depois, para o lançamento de um seu disco, o compositor e cantor popular Jards Macalé lançou mão do mesmo expediente, fazendo inserir noutro jornal uma série de manchetes e clichês relativos ao acontecimento. O desagradável é que Jards Macalé é amigo de Antônio Manuel, conhece sua proposta e atribui a idealização do cartaz a outra pessoa.

Walter Lewy: 35 anos de Brasil

Aberta, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, a exposição **Walter Lewy — 35 Anos de Pintura no Brasil**, revelando em sua inteira dimensão a obra desse pintor, nascido em 1905, na Alemanha, e desde 1937 no Brasil. Digno de destaque o catálogo da mostra, editorado por Lisbeth Rebello Gonçalves, com prefácio de Delmiro Gonçalves, depoimento do artista e apresentação de Olney Krüse. Walter Lewy é um surrealista autêntico, que foi proibido de pintar em 1933 pelos nazistas, vendo-se obrigado a abandonar a terra natal anos depois. Desde 1939 vinculou-se ao movimento modernista brasileiro.